





diamela
el tit

tradução e prólogo de
JULIÁN FUKS

JAMAIS O FOGO NUNCA

*Jamais o fogo nunca
Fez melhor seu papel de morto frio.*
César Vallejo

the 1990s, the number of people with a diagnosis of schizophrenia has increased in many countries (1).

There is a growing awareness of the need to improve the quality of life of people with schizophrenia, and to reduce the stigma associated with the illness. This has led to a focus on the development of community-based services, which aim to provide support and care in the community rather than in hospital (2).

One of the key components of community-based care is the provision of supported housing. This involves providing people with a safe and secure place to live, where they can receive the support and care they need (3).

Supported housing can take many different forms, from self-help housing to fully supported housing. The level of support provided will depend on the needs of the individual (4).

There is a growing body of evidence to suggest that supported housing can improve the quality of life of people with schizophrenia, and reduce the risk of hospitalization (5).

One of the reasons for this is that supported housing provides a safe and secure environment, where people can receive the support and care they need (6).

Another reason is that supported housing provides a sense of community and belonging, which can be important for people with schizophrenia (7).

There are a number of factors that can influence the effectiveness of supported housing. These include the quality of the housing, the level of support provided, and the involvement of the individual (8).

It is important to ensure that supported housing is designed and delivered in a way that meets the needs of the individual (9).

There are a number of challenges associated with the development of supported housing. These include the need for funding, the need for staff, and the need for a supportive environment (10).

Despite these challenges, supported housing is an important component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (11).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (12).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (13).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (14).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (15).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (16).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (17).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (18).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (19).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (20).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (21).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (22).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (23).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (24).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (25).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (26).

Supported housing is a key component of community-based care, and can play a key role in improving the quality of life of people with schizophrenia (27).

There is a need to continue to research and develop supported housing, and to ensure that it is accessible to all who need it (28).

A Rubí Carreño.

Agradecimentos no tempo deste livro:
a Silviana Barroso, a Francisco Rivas,
a Randolph Pope.

PRÓLOGO

Pode o subjugado falar? Pode o oprimido falar? Pode o desiludido falar? Pode o derrotado falar? Nas páginas deste livro não despontará nenhuma resposta precisa a essas questões fundamentais. Nas páginas deste livro, o subjugado, o oprimido, o desiludido, o derrotado, todos eles um só, uma só voz, falam. Nas páginas deste livro esse sujeito tantas vezes silenciado não pode senão falar. Falar, e tanto quanto possível, expressar o desconforto contínuo do corpo, a mesquinhez dos dias sucessivos, falar tornou-se um imperativo. Eis o último ato de liberdade num mundo que o quer calado, anestesiado, suprimido: encontrar palavras que o impeçam finalmente de inexistir.

Estamos num ano incerto, um ano de desalento como outros tantos que temos visto. Neste ano uma recordação é recorrente: a morte impune do general Franco, a morte indecorosa do ditador fascista intocado por qualquer justiça. Nada a celebrar nessa morte, ou na lembrança insistente da morte: essa talvez seja a expressão maior da derrota de tantas lutas emancipatórias, o absurdo triunfo da ditadura espanhola, ou de quase todas as ditaduras que se seguiram. Neste ano incerto, já distante desse acontecimento tão real que se faz símbolo, nenhuma esperança nos visita, nenhuma confiança de que será possível alcançar uma mínima dignidade, ou ao menos uma democracia efetiva.

Estamos de novo fechados num espaço restrito, o interior do quarto beckettiano talvez, o quarto em cujas paredes ecoa uma mesma voz incessantemente. Outro, porém, é o delírio, outra a loucura que aqui se ordena – estamos entregues às lembranças infundáveis de uma

vida atravessada pela política. A experiência da militância torna-se o centro de todas as lembranças, os muitos erros cometidos durante a resistência, erros que se reencenam no presente, na fricção entre os corpos, na inviabilidade de qualquer contato real, de qualquer entendimento. Na linguagem tão íntima e tão própria desses corpos em conflito se manifesta o fracasso da ação direta, mas se manifesta um fracasso amplo também: a impossibilidade de se alcançar uma comunidade mais justa e mais humana, a evidência de uma sociedade condenada a perpetuar suas violências. Outro é o continente, outro é o tempo, outro é o trauma histórico: estamos no cerne da tragédia latino-americana.

A voz que fala para preencher o silêncio, a voz que outros quiseram silenciar, não poderia ser diferente, é a voz de uma mulher. A narradora inominável não pôde falar durante décadas – durante séculos, durante milênios, o tempo aqui se alonga sem limite discernível – ou ao menos não pôde ser ouvida, ninguém a quis ouvir. Não surpreende que seu tom esteja agora carregado, de uma só vez, paradoxalmente, de dor e de indolência. Carregada está também essa mulher, sobrecarregada por uma vastidão de tarefas. Cuida do homem que a oprimiu a vida inteira, cuida do filho que agoniza eternamente, cuida de uma infinidade de corpos decadentes. Só não pode cuidar de si e de seu próprio corpo, seu corpo em fragmentos, privado da integridade que alguma vez teve. Seu corpo foi tomado de assalto pelo conjunto da sociedade, suas células já não lhe pertencem, não lhe pertence o suor que sai de seus poros nessa labuta permanente. O próprio tempo não lhe pertence – tudo o que lhe resta é a voz, a possibilidade de indagar o passado com obstinação e de ocupar com palavras o presente.

Para que falar? Que sentido tem agora contabilizar as perdas ou reconstruir a derrota, sucessiva, inconfundível, a derrota?, pergunta o homem que divide a cama com ela,

pergunta também este homem que aqui escreve, que adia as páginas dela com este prólogo prescindível. Não tem por que se explicar essa mulher, Diamela Eltit também não precisa se explicar, tendo escrito este romance de plena potência. Na voz dessa mulher, ou de Diamela Eltit, a literatura se converte num discurso visceral e íntimo, um discurso que parte do interior do corpo e em nada o excede, e que no entanto nos atinge a todos implacavelmente. Literatura de intervenção nos corpos e nos tempos, literatura a perturbar a ordem dos silêncios. Que fale enfim essa mulher.

Julián Fuks